



INTERIOR DO TEMPLO D'INDRA.

No centro da India e sobre a cordilheira elevada dos Gates existem ainda monumentos os mais vastos e magníficos da religião de Brahma; estes templos subterrâneos denominam-se as grutas de Ellora, por estarem no distrito da India ingleza assim chamado, na costa occidental de Bengala; distam pouco menos de cinco leguas d'Aureng Abad no reino do Decan. É logar sagrado entre os orientaes e que habitam quasi exclusivamente os seus sacerdotes ditos braçmanes.

As excavações estendem-se por um espaço de lesta e meia; as mais notáveis, sitas n'uma serra cortada a pique, dirigem-se de noroeste para sul n'um comprimento de duas milhas proximamente. A rocha é de granito vermelho mui duro, em que foram talhados, sem duvida com muito custo, innumera- veis templos, capellas, sallas, corredores, em muitos andares, tudo ornado de infinito numero de si- guras de alto relevo, quanidade das quaes tem sido mutiladas pelos mahometanos. Os tectos são pela maior parte guarneidos de pinturas e decorações que o fumo das tochas tem apagado.

Além dos monumentos subterrâneos, oferece Ellora outro mais digno de atenção; é o Kelaça, aber- to na rocha, mas patente ao ar. Nas excavações ha um templo dedicado a Djagganatha, o senhor do universo; por este vae uma passagem até outro com- memorativo da incarnaçao sanguinosa de Wishna (1), e na disposição interna tem muita analogia com entro que lhe fica proximo, e a nossa estampa re-

presenta, consagrado a Indra, o deus dos elementos, e a primeira das divindades secundárias da mythologia indiana.

#### VIAGEM AO MINHO.

##### CAPÍTULO V.

(Continuação).

Ha dez ou doze annos ainda eram raras as pessoas em Portugal que tomavam banhos do mar; hoje não é assim. De Traz os Montes, do alto Minho e da Beira Alta descem todos os annos ás praias do Minho es- sas grandes emigrações de famílias provincianas, que vem depositar no Atlântico o fructo de sete mezes de suor. Da emboeadura do Minho á foz do Douro ges- mem as planicies com o pezo das multidões semi-bar- baras! Por entre os agudos pinheiros das rochas, ha- bituadas só ao fremito das vagas, ecchão agora mi- lhares de vozes. O oceano ruge furioso no fundo das cavernas e grutas, salta aos mais elevados cimos dos rochedos, e alaga os curiosos que se atrevem a que- brar o silêncio das suas praias, onde só elle bramira sete mezes! — os montanhezes que vem pela primei- ra vez aos banhos do mar ficam assombrados diante do espectáculo grandioso do oceano; alguns ha que voltam para a sua terra no fim da estação, com o cor- po virgem de agua salgada, e tão gordos como vie- ram. Outros porém, mais ambiciosos de gloria, des- envolvem um grande heroísmo, patinhando nas pô- cas que ha por entre os rochedos. Geralmente ts agoas

(1) Sobre a religião dos indios orientaes vem extensa e clara noticia no 1.º vol. do Panorama (ano de 1837).

do oceano estão sempre turvas durante a estação dos banhos, e as areias perdem a sua natural brancura. Não admira por que a maior parte d'aquelle gente, passa quatro mezes a esfregar o corpo que não viu agoa todo o resto do anno.

De muitos usos e costumes que nos deixaram os romanos e arabes só desprezamos o melhor, que era a grande quantidade de banhos publicos que possuam aquelles povos, e que naturalmente deviam tambem ter fundado nas terras conquistadas. Creio que ainda alguns raros monumentos attestam que existiram em Portugal, mas por incuria dos principes ou por desmazelo dos particulares tudo se acabou, e nunca mais se tractou de reedificar, ou fundar novos estabelecimentos. Dos banhos do mar só se faz uso no verão, e esses mesmos não os podem tomar os pobres, porque lhe custam dinheiro. A immundicie é o cumulo da miseria, mas nem sempre a companheira; se houvessem estabelecimentos de banhos publicos, as classes mais pobres da sociedade poderiam resgatar a metade dos seus padecimentos, para os quaes contribue muito a falta de aceio.

N'este paiz, se exceptuar-mos algumas povoações maritimas, quasi o geral do povo tem negação para se lavar; e bem poucos são os que durante a vida mergulham todo o corpo em agua fria. Junte-se a isto a falta de banhos publicos e imagine-se como vivem milhares e milhares de individuos. A pouco e pouco se iriam custumando todos ao uso dos banhos, uns com o exemplo dos outros, e todos evitariam muitos males, por que toda a gente sabe que o aceio é uma condição hygienica muito importante. «Deus amou o aceio» diz-se em varias das nossas provinicias; mas ou ouvi-o a algumas pessoas que eram nojentas de ver pelas espessas camadas de terra que lhes calafetavam os poros do corpo!

As casas de banhos publicos são instituições civilisadoras com que se illustram as primeiras capitais do mundo; entre nós ha alguns estabelecimentos ainda na infancia, mas nenhum d'elles devido ao governo, e por consequencia nenhum que sirva de beneficio directo á populaçao necessitada. O mais importante, e que promette mais longa vida, é no edificio de Rilhasfolles; e deve-se ao zelo e intelligencia do caridoso e humano Director d'aquelle estabelecimento, o meu amigo Francisco Martins Polido, cujo nome é uma gloria para as sciencias medicas e uma honra para a humanidade. Tenho verdadeira satisfaçao de lhe poder dar aqui um testemunho de sincero afecto, e de prestar homenagem ás suas virtudes, por que foi elle o primeiro que aboliu no hospital dos alienados o uso barbaro e brutal do asorrague!

Em quanto se não fundarem mais casas de banhos, Deus inspire os facultativos para que todos os dias descubram novos e incriveis padecimentos, cujo unico alivio sejam as aguas do oceano! Deus conserve e prospere todas as doenças nervosas, tornando-as incuraveis, contagiosas e interminaveis; por que se o mal de nervos se extinguir, adeus esperanças de civilisaçao, de saude... e de moralidade para muita gente! Os banhos, além da sua influencia civilisadora, servem tambem á cultura da industria casamenteira. Ha nas praias uma certa liberdade que recorda os tempos primitivos. As familias reunem-se, tomam-se amizades, e vive-se quasi em commun. As meninas conversam, segredam, falam-se confidencias mutuas, entregam, e recebem a sua correspondencia, em quanto os pais jogam o voltarete com a serenidade dos primeiros patriarchas. A vida

assim é mais intima, mais conchegada, e mais familiar. É a verdadeira vida de familia. D'aqui saem todas as consequencias naturaes que conduzem ao matrimonio, como principio de unidade moral e social que deve perpetuar o mundo...

Os banhos do mar tambem tem o seu lado artístico. Talvez se tenha ali despresado um elemento capaz de restaurar as artes da pintura moderna! Que existe realmente mais pitoresco do que essas dezenas de cabeças, fluctuantes á flor d'agua, esses rostos palidos de susto, muito feios quasi todos, é verdade mas por excepção lá brilham uns bellos olhos sobre faces brancas de neve! E uns cabellos pretos coroando esse busto romano!... perdão da banalidade! mas busto romano é bem cabido a uma mulher que sae do banho, porque todas as romanitas se banhavam.

Um pé pequeno, uma perna bem torneada, um corpo elegante, e a camizola feita de propósito para deixar sobressair tantos encantos! apertada severamente na cintura, deixa descoberto o pé e a perna alvissima, para endoidecer algum Rubens, *en herbe!* e expõe todo o seio a uma admiracão perigosa para os janotas, que se precipitam cheios de entusiasmo!... atravez dos rochedos: oh! que fundos misterios tem uma praia de banhos!

Quando eu cheguei á da Foz, como era um pouco tarde, já se tinha retirado muita gente; sobre os penedos estavam semeados seis ou oito janotas que me pareceram dos mais feroses. Com receio de os espantar, ou distrahir de suas sublimes occupações, tomei posse d'um dos baluartes de granito, que formam a enseada onde se tomam os banhos, e puz-me a contemplar as scenas burlescas que ali se representavam.

Homens e mulheres tudo estava confundido dentro d'agua, uns gritando de medo, outros singindo; alguns mais atrevidos rindo de um modo selvagem; as senhoras nervosas chorando, as creances berrando; e os banheiros, homens colossaes e muito cabeludos, animando a todos com brados de fazer tremer as pedras! Era uma bulha infernal! em menos d'um quarto d'hora fugi, sem ter comprehendido o prazer dos janotas, que se divertiam com simulhante gritaria, os bemaventurados!...

Entrei no Hotel da *Boa Vista* e pedi um quarto. Este hotel é o melhor que ha na Foz; pará ali vão todos os viajantes, que visitam aquella terra, e realmente não se pode diser mal da casa nem dos alimento. Almocei e jantei muitas vezes na *Boa Vista* em compagnia de amigos, e achei sempre que o serviço e tratamento não era inferior ao das melhores hospedarias do Porto. Avista-se o hotel apenas se chega à frente do castello da Foz; um muro onde está praticado um largo portão, em cima do qual se lê a devisa: *Hotel da Boa Vista*; depois um pequeno pateo e logo a escada. Em uma, na frente, uma sala, outra maior á direita sofrivelmente arranjada; e uma fileira de quartos, quasi todos com magnifica vista para o rio.

Quando entrei eram duas horas; não tinha que lêr e precisava matar o tempo até ao jantar, porque estava só. O Ricardo Guimaraes e o Camillo Castello Branco tinham-me promettido ir ali reunir-se co-migo para fazermos, em collaboração, um folhetim, palpitar de interesse, contra o *Carroção*. Porém como nenhum d'elles apparecia metti eu sosinho mãos à obra. Às quatro horas tinha concluido uma catilinaria-modelo em que fulminava o carroção, os bois e o proprietario! N'uma tirada sublime evocava contra elles as furias, cerastes, dragos centimanos! Nun-

ca se publicou aquella famosa peça litterario-crítica, porque me esqueceu na hospedaria. Qual seria o seu destino?... atroz sem duvida! Tremo de o pensar!...

Achei-me á meza só com um individuo que teria a minha idade. Faço esta declaração para que se saque ignorando se sou moço ou velho. O meu companheiro era um homem amavel; conversámos em bellas artes e eu pensei que me achava com um pintor. D'ahi a pouco faltámos da Foz e da necessidade de se fazer no Porto uma barra artesicial; é um engenheiro hidráulico, disse eu comigo. Tratou-se de industria e tomei-o por fabricante. No fim do jantar fumámos, e falámos litteratura. Decididamente é um jornalista! Pois não era nada d'isto. Era um modesto empregado do commercio; modesto por que o sr. M. J. de Azevedo tem talentos para ocupar outra posição. Mas n'esta terra não se collocam os homens nos empregos a que os deviam levar as suas vocações. Se um individuo é iterato ou poeta, mandam-no fazer cálculos e sommas; se é mathematico, entregam-lhe uma repartição onde se trata só de litteratura e bellas artes; se é medico ou filosofo acha lugar nos caminhos de ferro ou nas estradas; e sendo engenheiro não tem senão a pedir para logo ser provido no lugar de bibliothecario! Estes disparates têm-me dado tentações de requerer um bispado! Sei que ha exceções n'estas regras, como em todas, mas são poucas. Não pode com tudo negar-se que atualmente a ordem se tem restabelecido um pouco, e que se principiam a procurar os homens proprios para aquillo a que estão mais habilitados. Queira Deus que continuem por que o desconchavo era, e é ainda em partes, horroroso.

(Continua.)

F. G. D'AMORIM.

## A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTÓRICO.

II

Seguiu-se uma longa pausa, que nenhum ousava interromper.

Nos olhos do mancebo a magoa, cubria de um véu de tristeza o fulgor, que um momento antes os tornava radiosos.

Nas pupilas de esmeralda da donzella, duas lagrimas silenciosas, como líquidas perolas, soltaram-se cristalinas, e desenrolaram-se lentamente pelas faces.

Também ella perdera os disvellos de seu pae, quando apenas aprendera a balbuciar-lhe o nome, estendendo para os seus affectuosos e sofridos, os braços da infancia com buliçosa travessura.

Com os annos, a nodoa d'esta perda em vez de esmorecer, avivou-se mais; e ouvindo a melancólica exclamação de Affonso, os espinhos da saudade, cravando-se-lhe vivos e juntos, fizeram correr o pranto da orphandade, que não pode reprimir.

Estavam calados, mas a solidão animava-se com os mil gorgeios e trinados das aves, saudando a despedida da luz, que a pouco e pouco ia empalidecendo na coroa dos montes, e açafroando os raios desmaiados na ponta das penhas escalvadas.

O rouxinol, que primeiro levantara o hymno da tarde, balouçando-se no ramo da arvore, ora soltava uma volata de notas rápidas e vibrantes; ora apaga-

va o canto em melodiosos murmurios, no meio dos quais era facil perceber como um gemido languido.

Branca, pousando a fronte na mão, e pendendo a cabeça para traz em gracioso desalinho, parecia que deixava fugir a alma com a vista ainda humida, e tocada de sublime e inefável expressão.

O pagem, apertando nas suas a outra mão da filha de D. Maria Paes, e quasi mettendo-a dentro do seu coração, movia os labios tremulos sem fallar, e fascinado e extatico, para volver a si como que esperava, que lhe desse a liberdade aquella doce voz!

Depois de alguns instantes de contemplação, Branca rompeu o encanto.

— « Affonso, disse ella com um suspiro. Deus ha-de compadecer-se de nós. Estamos quasi sós no mundo, porque minha mãe, coitada! cega, e magoada sempre, pouco tempo nos pode acompanhar. Mas não temos o nosso amor? Não chega elle de mais para pagar os extremos, que nos faltão? »

— « Porque fallaste então de nos separarem? Não vês, que seria rasgar os dous corações do mesmo golpe? »

— « Era. Mas não sei que presentimento mau... »

— « Ouve! acudi o mancebo arrebatado. Nunea t'o disse, não tinha animo; mas agora é preciso. Se te perdesse... se te visse esposa d'outro!... »

— « Oh, não! redarguiu a donzella, inclinando a fronte com meiguice, e abrazando-o com a chamma, que os olhos despediam. Só tua, ou de Deus. É o meu juramento. »

— « Promettes? exclamou Affonso com as faces a arder. »

— « Não te disse que jurava? » respondeu Branca, repetindo mil vezes a promessa no delírio da vista enlevada. Olha, acrescentou, não enides, que são palavras, que um dia, que uma hora de reflexão, ou de temor hade apagar. O que a boca affirma, ficou gravado no meu peito. Para me esquecer só a morte! Se é que no tumulo se dorme tão profundamente. »

Callou-se. Que mais podia ella dizer?

O mancebo louco, delirante de jubilo tornou a lançar-se-lhe aos pés, e a cubrir-lhe de osculos freneticos as mãos, que ella não tirava de entre as suas.

Passados minutos, Affonso ergueu-se. Tinha vencido por um esforço a timidez, e homem pela paixão, levantava-se para assegurar por uma palavra a ventura, que souhára, e que possuia toda, lendo na alma da donzella afectos iguaes aos seus.

— « O que valem juramentos, disse elle, quando o teu coração está comigo? Quanto desejei na terra, acabas de m' conceder. De hoje em diante, não tenho mais que esperar, nem que pedir. És minha esposa aos olhos de Deus!... »

— « Sou. A minha vontade será a tua. Aonde quer que estejas, se me chamares, irei. Amo-te, Affonso! Sem ti a vida é um deserto para mim. Não tenho outra luz no mundo. Mandas que te siga? Queres que te aguarde? Dize! e verás se hesito, ou se recuso. »

— « Branca, os anjos, se nos vissem, tinham agora inveja! E tua mãe, deixal-a-ias sem amparo, sem o doce calor das tuas caricias, o unico sol, que lhe aquece ainda o inverno da velhice? »

— « Deixaria tudo por ti!.... ainda que me estalasse o coração de dor! Triste mãe! Quem a havia de consolar nas suas penas, com que olhos veria em a sua alma, quasi cega, tambem, de chorar?... Mas, Affonso, tu és bom e terno. Não eras capaz de dizer nunca á filha: arranca tua mãe dos braços, piza-lhe

o coração aos pés, e vem! Conheço-te. Se fosses não amavas tanto! »

— « Não! não! atalhou o mancebo. A primeira felicidade do amor é a benção dos que nos deram o ser. Uma lagrima só de tua mãe sobre a nossa fronte seria uma nodoa de sangue indelevel... »

— « Como a que vos separa, loucos! » disse uma voz firme e pausada por detraz de ambos.

Voltaram-se sobresaltados, e viram diante de si a figura de um velho, cujas barbas, brancas de neve, desciam até ao peito.

Arredando a cortina de arbustos e folhagem, que até ali o occultara, o novo interlocutor, que tudo tinha escutado, apresentava-se de repente diante dos dois amantes, palido como a desesperação que vinha trazer-lhes, e amortalhado nas largas roupas de uma tunica escura, cingida por grosseira corda.

Robusto de membros, e largo de hombros, a idade pouco lhe inclinava a cabeça para o chão. As feições, nobres e severas, no ar sombrio que era sua expressão habitual, denunciavam mais do que tristeza.

Os ardores das estações, passando por elles e queimando-as, tinham-as revestido de uma duresa particular, e não se carecia de grande observação para notar, que as rugas crusadas da fronte, o fulgor quasi fulvo, e ás vezes terrível da vista, e a ironia do sorriso desmaiado, que lhe encrespava a boca, retratavam n'aquelle phisionomia, mais devastada pelas magoas e trabalhos, do que pelas enfermidades da velhice, o desespero eterno, e as paixões fogosas, que nem os annos, nem as lagrimas amortecem.

O capuz da tunica, pachado para o rosto, dava maior sombra ainda á palidez das faces; e os olhos fundos, relusindo, tomavam de repente um brilho estranho, e quasi selvagem, quando uma comoção mais forte vinha acordar no seu peito as tempestades, e dizer ao mundo, que na alma d'aquelle morto ardiam sempre vivas as memórias do passado.

A friesa penetrante, com que as pupilas negras, volvendo-se lentas, parecia que rasgavam os seios do coração para no mais íntimo d'elle colherem o oculto pensamento, ninguém a podia supportar com indifferença.

A vista mais segura e altiva, era raro que não se baixasse diante da sua; e que o mais firme não sentisse como a dor de uma sensação gelada, em quanto aquella muda interrogação se não desviava delle.

Na testa espacosa e alta, morava o orgulho. Via-se facilmente, que antes de se envolver na estamêna da penitencia, e de sepultar com o nome a esperança e ambição, conhecera de perto as vaidades e ilusões da terra, e que, por muito que o desejasse, ainda não conseguira esquecer-se inteiramente do que fora.

O amor de Deus, e do proximo, e a serena e resignada contemplação do céu, não eram de certo quem o consolava nas magoas do seu desterro voluntario.

O semblante desbotado, e de uma austeridade que fazia estremecer, trahia-o a miudo. Cortadas no seu peito as chagas, não tinham cessado ainda de verter sangue; e o perdão das offensas, o desprezo dos odios humanos, parecia duvidoso que saisse nunca dos beiços, que a vingança contraíra, e que nenhum affecto brando alegrava de um sorriso meigo.

Apenas a voz conhecida do eremita o veio interromper, Affonso recuou dous ou tres passos, como se o ferro de uma lança lhe ferisse o lado com os gumes.

Branca, da sua parte, suspensa e cheia de pejo,

apertava na mão tremula a do mancebo, e escudando-se com elle, inquieta e assustada, olhava para aquelle vulto, que um terror supersticioso lhe pintava ainda mais sombrio e mais severo, do que na realidade era.

O pagem, entretanto recobrou-se depressa do sobresalto, e esforçando com a voz e com os olhos amorfos a donzella, disse-lhe em tom submisso, em quanto o velho, deixava com vagar o seu retiro:

— « Não tenhas receio; é o eremita! É Fr. Egas. Desde creança, que me apparece todos os annos, e que me promette... »

— « O que tu não queres nem podes cumprir! » atalhou Fr. Egas, estendendo a mão, e demorando a vista com austera tristesa sobre os dous amantes, que pelo braço um do outro enlaçados aguardavam, não sem temor, a explicação das palavras, com que os perturbára no meio das confidencias da ternura.

Por alguns momentos foi tão profundo o silencio, que se ouvia o rumorejar das folhas, e o bater das azas das aves, fugindo do tecto de verdura, que abrigava os tres.

Ao mesmo tempo as nuvens, negras e pesadas, sulcavam-se de um clarão livo, o dia apagava-se no crepusculo, e o rebombar distante de um trovão, despertava os echos da montanha.

— « Mancebo, disse o eremita, o sangue do lobo, não se une ao do cordeiro, nem o leão vai buscar o tigre por amigo! »

— « Não vos percebo, Fr. Egas! acudi o pagem, cujos olhos começaram a champear. Fallai claro, se quereis que vos escute! »

— « Porque não dizes quanto sentes dentro do coração? Cuidas que me occultas, o que leio n'elle agora mesmo? » E o velho sorria-se de um modo sombrio, e parecia, que abrazava os dous com a luz, que despedia das pupilas. « Sou aqui de mais, bem vejo, continuou elle. Mas embora! Cheguei a tempo. Antes ver-te como a teu pae, e a teu avô, morto e insensivel, do que deixar-te envilecer o nome, calcando as suas cinzas na loucura de um amor!... »

— « Monge! » bradou o mancebo, apertando o punho da espada

— « Ameaças? disse o eremita sorrindo inalteravel. Julgas que as não esperava, ou que as temo? Ouve, Affonso. Este velho, que vés arrastando os pés para o tumulo, e passando por entre os vivos, sem que uma esperança o anime, ou uma voz amiga lhe lembre o mundo, foi já, como tu... cavalleiro de lanhagem, e moço namorado! Antes de levar á boca o calix das amarguras, e de o esgotar até ás ultimas féses, provou tambem das doçuras do amor, e sem contar os dias, enlevado em uns formosos olhos, esqueceu-se de que a traição não dorme, e deixou cair a cabeça de seu irmão debaixo de um cutello... Uma hora mais cedo, que acudisse, tinha-o salvado! Mas arrependeu-se, foi homem depois! Affonso, pelo sangue que te corre nas veias, pela alma de tua mãe, que é uma santa na presença de Deus, juro-te que... entre o teu affecto e essa donzella ha uma offensa mortal, que não pode lavar-se. Para unires a tua mão á d'ella, juro-te, que tens de pizar o corpo de teu pae e de teu avô, cujas cinzas bradam vingança ha tantos annos!... »

Uma lagrima, fria e lenta, escorregou-lhe pelo rosto, e erguendo as mãos ao céu, como que invocou n'este gesto a justiça de Deus, espaçada, mas não esquecida.

A cabeça, alta e firme, as barbas nevadas, e o terível clarão dos olhos, davam á voz d'monge um

poder, que poucos instantes antes ninguem lhe suporia.

Sem perceber como, nem porque, Branca empalidecendo e vacillando, soltou-se dos braços de Affonso, e com a vista humida de pranto, e o peito comprimido, escutou ansiosamente a resposta, que os labios tremulos do mancebo só ousaram articular a custo.

Não menos commovido, o pagem tremia da inesperada revelação, sentindo rasgar-se-lhe o coração no peito a cada phrase, que saía da boca do eremita.

— «Não é possivel! murmurava elle, fallando consigo só. Deus é bom e justo. Porque me havia de mostrar a felicidade, se m'a queria tirar logo, apenas a vi, mal a principiei a gozar. Era um escarnio, uma crueldade! Fr. Egas! accrescentou, levantando a fronte de repente, e travando pela tunica ao monge; cousas, como estas, custam a vida ao que mente, e pagam-se com odio, com odio mortal, mesmo ao que as disse com verdade. Sabeis o que pedis?»

— «Sei que o sacrificio é grande, mas conheço-te, Affonso, e sem te ouvir, já respondi o que havias de fazer!»

— «Monge?! exclamou o mancebo, crescendo para elle, livido de cholera, e procurando com os olhos o lugar, aonde havia de descarregar o ferro. Monge, quem te fez ousado para disporas da vontade alheia?»

— «O dever! replicou serenamente o eremita, cruzando os braços. Affonso, sabes como teu avô Gomes Lourenço morreu no castello de Santa Olaia, faz hoje trinta e quatro annos?»

— «Não! Mas que tem a sua morte com...»

— «Escuta! Gomes Lourenço poz a cabeça em cima do cepo coberto de luto, e o verdugo, que lh'a decepou, não foi o algoz, o villão, que deu o golpe, foi uma mulher, que elle amava mais do que a seu filho, mais do que a sua alma e a salvação até!...»

— «Mas! atalhou o mancebo.»

— «Não me interrompas ainda. Sabes como acabou teu pae na flor das annos, e no principio de uma carreira, toda esperança e gloria? Uma tarde assaltaram-o covardemente em um sitio deserto, aonde andava ás aves, e antes de ter virado o rosto sete frechas cravadas no peito derrubaram-o do cavallo, banhado em sangue, e morto!»

— «Deus do ceu! clamou o pagem, e a minha espada ainda se não desenbainhou, e os traidores riem-se a salvo!.. Monge, porque me não disseste isso se não agora?...»

— «Porque só agora é tempo. Affonso Viegas uma palavra mais, e decidirás! A mulher, que matou teu avô, chama-se D. Maria Paes Ribeiro. Os covardes, que feriram de longe teu pae, eram cavaleiros e homens d'armas de Lanhoso!... Sabes quem é a tua Branca?...»

A donzella ajoelhou convulsa e trespassada, mas Affonso balbuciando, e palpante nem a via. Olhos, coração, e vida, tinha tudo pendente dos labios do Eremita.

Este fez uma pauza; e depois de cravar os olhos, que pareciam punhaes ardentes no rosto palido do mancebo, disse-lhe lento e ironico: — É a filha d'essa mulher, é a filha de D. Maria Paes a nobre dona, que vendeu o corpo ás caricias de Sancho I, e a alma a todas as furias do orgulho e d'avingança! Agora, filho piedoso e temente a Deus, não te prendas — lança-te aos seus pés, e beija-lhe a mão tinta no teu sangue. Branca trará em dote a cabeça de teu pae, e de teu avô!»

Apenas, o monge concluiu, Affonso arrancando um grito de angústia e dor, semelhante ao de homem, que matam a ferro, perdeu o lume da vista, e cahio sem sentidos.

A donzella, louca de desesperação, sem olhar para traz, sem proferir uma palavra, sem mesmo soltar um suspiro, saltou de impeto na sella da hecanea, e à redea larga, fugiu sem olhar por onde, como se o remorso, tomando corpo, a perseguisse, correndo mais veloz ainda.

Fr. Egas, contemplou por momentos o mancebo amortecido, e a carreira delirante de Branca, e deixando cahir depois os braços, e carregando as rugas da fronte, disse em voz triste e pausada:

— «Antes isto, do que vel-o deshonrado. Gomes Lourenço, a hora avizinha-se! Descança tranquillo. Cada gota do teu sangue hade custar uma lagrima, e uma desdita. Não jurei em vão, serás vingado!»

(Continua).

L. A. REBELLO DA SILVA.

### POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA

#### III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — EL PINO NONACRIENSE.

#### V.

Expostas as razões, que a nosso ver, tornavam forçada e palida a naturalisação do genero nas literaturas modernas, sem nos demorarmos, passemos a apreciar as qualidades, em que sobressae o estro lyrico de Elpino; e sem lisonja, nem orgulho, entreguemos-lhe a palma, que merecem tantas odes primorosas.

Se o poeta não ressuscita o seu modello, ás vezes comtudo sobre tão alto, que o alcança com os olhos. Entre os emulos da renascença nenhum competidor o vence; mais ainda, talvez nenhum o iguale.

Não se ignora a temeridade de sentenciar rivais, que o gosto, o estylo, e a lingua separam; e cujas bellezas por delicadas e proprias escapam facilmente ao observador estranho, como flores que são, e que de mimosas perdem sempre nas cores e no perfume com a distancia.

Entretanto, mesmo concedendo isto, não parece que haja injustiça. Nem Chiabrera na Italia, nem Herrera na Hespanha, nem Boileau e Lebrun em França offuseam, ou excedem o engenho do Diniz. Este logo no primeiro ensaio pizou firme um estadio assinalado pela queda de muitos cantores ilustres.

Quando o auctor do *Lutrin*, prescrevendo regras á inspiração, que as repelle no seu voo altivo, ensinou a copiar os arrebatamentos naturaes de Pindaro por meio da belleza artificiosa e desordenada, a que depois chamaram furor poetico, não ensinou senão a enganar os sentidos, e é mais do que duvidoso que a arte substituisse por si só o impeto espontâneo. Francisco Dias Gomes não escreveu sem motivo em uma das suas notas criticas, que as melhores odes não eram as que repetiam a miúdo as falsas exclamações: *que vejo?* *Que escuto?* *Onde estou?* *Que sinto!*...

E preciso mais! Em um poema breve, tecido de expressões sublimes, e de grandes rasgos, a idéa não tem de ceder tudo á forma; e o entusiasmo, como

no Vate grego, remontando-se ás nuvens, nunca deve perder de vista o assumpto e o plano.

Se Elpino esqueceu em algumas obras o preceito, oferece entretanto numerosas provas em outras, de que o conhecia e sabia praticar.

Perebeu, que a imitação de Pindaro, quando muito, podia reproduzir em apagada imagem o brilho, a graça, e o esplendor da lyra thebana, mas que, para se nacionalisar, e se estimar, como a do cantor Dirceo, carecia de se rejuvenescer nas tradições saudosas da patria, celebrando os grandes vultos dos varões e dos heroes, que a enobreceram com a pena e com a espada em regiões remotas, no meio dos perigos, e deante da morte.

Embora as roupas sejam antigas; embora as suas figuras e allusões saiam armadas do Olimpo pagão, o pensamento, que domina é portuguez, como o do Camões, e por isso lhe perdoamos leves culpas, e até defeitos graves.

O amor da terra natal, a admiração do seu passado, e a memoria eloquente de tantos feitos raros e sublimes, que ornam o nosso berço nos séculos de gloria, elevam o coração e a mente do poeta, e levantam-lhe na lyra quasi milagrosos cantos.

De certo os jogos, cujos vencedores immortalisa a voz de Pindaro, nas *Olympicas*, ou nas *Pythicas*, nas *Nemcas*, ou nas *Isthmicas*, tão longe estão do grandioso theatro das proezas dos cavalleiros de Africa, e dos soldados da Asia, como a opulenta e formosa lingua da Grecia deixa atraz a romana, a nossa, e quantas lhe sucederam.

Eis a superioridade, que deu alento a Elpino, e que o sustentou na sua ousada empreza.

Na ode a Duarte Pacheco, a invocação não desmaia nem diante dos exemplos de Pindaro, taes como uma traducção descorada os pode apresentar. Se não é tão graciosa, como a da I Pythia, é mais concisa, e grava o conceito com relevo. Ouçamol-o :

Eu não consagro altares

Da vil lisonja ao idolo profano.

Nem cruso os subtis ares

Cantando a par do grão Cysne Thebano,

Para o neectar libar de immortal hymo

Ao luxo, da Opulencia parto indino.

O genio que dos Numes me foi dado

Em mais estima e préza

A formosa virtude em baixo estado,

Do que a soberba pompa da riqueza.

Horacio, também encerrava assim em uma só estrophe o preludio do seu canto, mas nem sempre com a mesma valentia; e a severidade modesta, que ostenta Elpino, inclinando-se perante o vulto heroica do grande capitão, abona tanto o seu gosto, como o seu espirito.

Há nomes, que fazem tudo pequeno, e que mesmo a lyra não exalta sem estremecer. A gloria de Duarte Pacheco, do *leão dos mares*, tão pura e digna dos louvores, com que a invoca o seu cantor, resplandece na historia; e os ferros, que algemaram aquellas mãos, que o ouro, ou a cubija nunca maculou, foram o opprobrio dos ingratos, e o realce da sua virtude.

Seria longo emprehendermos a detida analyse da composição do Diniz, confrontando-a com o estylo de Pindaro, e com os rasgos mais louvados dos seus imitadores, entre os modernos. Limitar-nos-hemos, unicamente pois, a indicar o que parecer mais opportuno para se dar ideia do engenho do poeta, e da elevação, com que engrandecia os assumptos de ordinario.

Na invocação da ode a Vasco da Gama, uma das mais inspiradas que lhe deve a lyra portugueza, as imagens magnificas e quasi epicas, poderião citar-se por modellos, se a estrophe não declinasse nos dous ultimos versos, desvairando-se com uma figura falsa, e alem de falsa infeliz no gosto. Escutemol-a :

Bem que a teu ardimento eterna croa

Tecesse, inclito Gama,

Sonora musa, que no Pindo voa

Sobre as azas da fama;

Eu, que apezar da inveja e seus furores,

Aos astros levo o nome lusitano,

À minha lyra o passo

No mar enfundarei dos teus louvores.

Entretanto, com que gentilesa se não, levanta logo, no bello episodio, em que põe tão alto o seu heroe, quando exclama :

Por largo campo, indomito e fremente,

Corre o Nilo espumoso ;

Feroz alaga a rapida corrente

O Egypto fabuloso :

Mas se na grā carreira, ás aguas grato,

Tributo de caudas rios aceita,

Soberbo não regeita

Pobre feudo de incognito regato.

Todas as digressões são do mesmo esmero e correção. Os conceitos cinselados em formosas allusões, ou em metaphoras atrevidas, gravam-se na phrase com esplendor, e recamam de fina pedraria o tecido matisado, que veste a forma. Nestes momentos, o genio do cantor de Thebas revelava-lhe de certo alguns dos seus segredos.

Que pintura admiravel segue a descrição do descobrimento :

Ninfas do Ganges, que levar o vistes

Em seu baixel ousado

Da Aurora o novo fado,

Dizei de que alto assombro vos cubristes !

Com que horror tremular vistes ligeiras

Do novo imperio as Quinas agoureiras !

Na ode a Duarte Pacheco, que já notamos, o amor da patria, e o entusiasmo das proezas, que fizeram do Achilles do oriente o espanto das nações barbaras, respiram nas impetuosas estrophes de Elpino.

Descrevendo a lucta audaciosa de Pacheco em Calecut, o poeta solta, alados e frementes, estes versos, digna coroa do feito heroico :

Cem paraus torreados

D'onde por bocas mil bróta Mavorte,

Entre horrorosos brados

Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte ;

Zargunchos, frechas, que em chuveiros voam ;

Elephantes bramindo a terra atroam :

Neptuno da batalha ao som horrendo

No fundo mar se espanta ;

Nos eixos muda a terra está tremendo ;

Mas nada o grande coração quebranta.

E na facção contra o corsario Mondragon, com que vigor retrata o tumulto e os trances da peleja, o ardimento dos contrarios, e a valentia sem igual do portuguez, sujeitando a fortuna com o assombro do seu temerario arrojo :

**Da passada rapina**  
**Ufano Mondragon, o mar talhava;**  
**E com fatal ruina,**  
**De cem fúrias cercado ameaçava**  
**Quanto rico baixel do Indostão vôlea,**  
**De pareas carregado, á grã Lisboa.**  
**Mas o bravo Pacheco, n'um instante,**  
**Os lenhos fulminados,**  
**Do pirata a seus pés vio triumphante**  
**Os arrogantes brios derribados.**

A antistrophe, em que representa o desengano, que esperava a Duarte Pacheco na terra natal, quando voltava coroado de louros, não é inferior ás duas estrophes, que já citámos:

Quanto, quanto se engana,  
 Se em si fiado o são merecimento  
 Da fortuna tyranna  
 Aos revezes crueis se julga isento!  
 Pois com turvo semblante sempre a inveja  
 Olha a virtude, que opprimir deseja.  
 Em vão, mortaes, não clama a minha lyra,  
 Se, para illustre exemplo,  
 Entregues da pobreza á cruel ira  
 A Pacheco e Milciades contemple.

Na ode a Affonso de Albuquerque, o poeta levanta-se com igual ardor, e rivalisa com os mais primorosos nas inspiradas estrophes. As imagens desatam-se-lhe, como disse d'elle Boeage, em turbilhões accecos, e poucas vezes o fogoso estro terá ascendido tanto. Que riqueza nas phrases, que harmonia nos metros, que magnificencia nas figuras! Logo no Epode I como se alteia, quando diz:

Em nobre sangue dos Avós guerreiros  
 Valor não degenera;  
 Pomba imbelli real aguia não gera,  
 Nem pavidos cordeiros  
 Na Libya ardente a coroada fera.

E os episodios, as digressões, e a allusão histórica precipitam-se com o mesmo fulgor, umas sucedendo-se ás outras, esta excedendo aquella, em um delírio sublime, que a arte rege, e que nos enleva a cada instante. De repente, suspende-se, e uma comparação admirável rompe no meio do canto, e arrebata-o:

Aguia soberba, a quem no campo etherio  
 O espirito alentado  
 Deu sobre o povo alado  
 Das vagas aves temeroso imperio;  
 De brancas pombas sobre banda espessa  
 Tão rapida por entre as nuvens turvas  
 Não cai, não se arremessa.  
 Brandindo o curvo bico, as garras curvas;  
 Como entre a jumenta armada o varão forte  
 Frechando o arco da espantosa morte.

E logo na antistrophe 8.ª como pinta d'um só rasgo toda a carreira do grande capitão, em traços fulinosos:

Trovão, que brama, e chamas mil arroja  
 Ardeno o viu Curiate,  
 Viu-o a rica Mascate  
 Brava, Lamo, Orfação, Quexome, e Oja,  
 Soar o viu, que o h'eu illo no brigo irado

Sem sangue escapa, e Calayate astuto  
 O Persa pharetrado,  
 A quem a guerra offerece por tributo.  
 Mas oh divina lira o panno ferra,  
 Que é o mar infinito! «á terra, á terra.

A figura, que encerram os versos finais pecca no gosto, e contra a verdade, o que acontece em outros lugares das odes.

A força de singularizar o stylo, e de fugir de metaphoras sabidas e communs, o Diniz cae repetidas vezes no defeito contrario, e torna-se empolado, e gongorico. É a nodoa mais frequente das suas poesias pindaricas.

A outra, inseparável do genero, e mais que tudo de uma collecção volumosa de poemas d'esta natureza, é certa monotonia, que adormece insensivelmente o leitor, pela repetição das mesmas formas, e também das mesmas imagens.

Em quarenta e quatro odes não admira! E para elogio do cantor bastará dizer, que em tão grande numero as boas e as optimas não são raras.

Mesmo, quando baixa á lisonja dos poderosos e dos protectores, sabe suster-se com brio nas espheras elevadas, e não envergonha a lyra.

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

(Continuação)

Por instinto e por estudo, Francisco Manuel chegaria a apparelhar uma palheta, onde o colorido da locução podia variar ao infinito. Mas o seu desenho era debil, e durissimo o *tom*, o *caracter* das suas composições. Perfeito imitador no *Cebon*, a sua musa já denuncia a cada passo na excentrica paraphrase dos *Martyres* que o poeta a traz violentada e mal soffreada por aquelles caminhos mais ingratos e mais difíceis de trilhar. Se tivesse tentado a tragedia, imitando as obras primas da scena francesa ou italiana, ternos-hia de certo legado em cada uma das suas peças um novo manancial de casta e esmerada elocução, sem remediar n'um ponto a penuria da scena nacional.

Boeage era o contrario de Philinto. Em Elmano a veia inexaurivel da poesia compensava largamente a mediania dos seus baveres de erudição. O talento n'elle adivinhava sempre a frase e a palavra. Com uma lingoa mais pobre e menos variada, os seus poemas traziam este sello particular que só imprime o genio, e que a erudição mais vagarosa e a mais indefeza philologia em vão se esforçariam por imprimir e perpetuar.

O theatro deve-lhe algumas versões onde apenas ha que admirar a flexibilidade do seu metro, a simetria caracteristica dos seus conceitos, e o timbre deleitavel dos sons que disferia. A poesia em geral deveu-lhe muito. O theatro muito pouco.

O visconde de Almeida Garrett, ao aparecer na scena litteraria não tinha, pois, modelos a quem seguir, e as tradições dramaticas propriamente indigenas, essas estavam perdidas, como elle mesmo o afirma no trecho já citado do prefacio ao seu *Catão*.

Genio destinado a regenerar um dia as letras patrias, os seus projectos deveriam ser gigantes desde o alvorocer da sua imaginação. Cesar sonhava já aos dezoito annos as glórias da dictadura e a suprema dignidade da universal dominação.

Julgou-se inspirado para resgatar por si o desle-

xo e desidia dos poetas que o haviam precedido. Voltou os olhos em redor de si em busca de modelos nacionaes e achou a scena deserta. Affeçoara-se desde a infancia á leitura dos bons tragicos modernos, e ou nos textos originaes ou nas suas numerosas e eruditas interpretações, versára, como elle diz, com nocturna e diuturna mão as escassas, mas preciosas reliquias do maravilhoso theatro de Athenas. Não lhe havia escapado certamente, no enthesourar desta preziosa erudição, o theatro britannico, e como seu mais legitimo e illustre representante a Shakespeare. Se o não lera todo e no texto inglez, antegostara-o por ventura nas imitações de Ducis e de Voltaire. O que é certo e se deprehende do prologo do *Catão* impresso em Lisboa em 1822 é que Almeida Garrett podera já comparar e distinguir na sua mais evidente antithese, os dois generos que desde o principio do seculo se haviam reptado, e continuavam por aquelles tempos em França o litigio pertinaz, que já hoje ameaça terminar por uma racionavel e honrosa composição.

A ambição de rehabilitar a scena portugueza manifesta-a sem rodeios o poeta no prologo do *Catão*.

« Em Portugal, diz elle, se passarmos os antigos, não sei contar senão J. B. Gomes, pois dos outros todos creio que affoitamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contal-os. Será isto defeito e falta nossa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os franceses *l'épique*? Não sei responder, mas nem por isso deixo e deixei desde que me entendo de forçear por encher quanto em mim fosse o vasio do nosso theatro. »

Tal foi o seu pensamento dominante, por ventura desde que a flor da sua mimosa imaginação começou a desabotoar e a recender perfumes. Para habituar-se ao cothurno, d'onde tantos se tem precipitado, foi ensaiando a musa nos logares communs dos engenhos tragicos. A *Lucrecia*, que morreu quasi á nascença no theatro, apunhalada pela sua mediocridade, como em Roma pela sua pudicia exemplar; a *Méope* que vivê para servir de padrão aos progressos do poeta, foram como que academias copiadas do antigo, onde o lapis adquirio flexibilidade e movimento para se arriscar ao difficult claro-escuro do busto de *Catão*.

Nas primeiras tragedias sentiam-se as peias da imitação a constranger em cada verso o estro ainda balbuciante. No *Catão* a inspiração e o fundo revellam a antiguidade; nas fórmas porém domina o que quer que seja de sabor moderno e da maneira mais solta e mais caprichosa com que se revelou nos seus aureos dias o theatro castelhano, e ainda o drama irregular mas energico de Shakespeare. A *Méope*, calada sobre modelos conhecidos, e inspirada por um assumpto vulgar, e prodigamente explorado, não tem caracteres distintivos quasi, nem feições individuaes. No *Catão* tinha Garrett menos modelos a seguir, e menos rivaes que temer ou supplantar.

De todos os trechos heroicos da historia romana, o *Catão* era o menos vulgarizado pela musa tragica. Sómente a scena ingleza lhe deparava um talento vigoroso e variado, que exercitando-se no mesmo assunto, merecera um triumpho aos seus contemporaneos, e alcançará para si a honra de restaurador da tragedia e de modelo dos tragicos britannicos.

Addisson era o nome do poeta celebre que primeiro illustrará a scena ingleza cantando a morte de *Catão*, e a ultima ruina da liberdade romana. Era um d'estes engenhos robustos e perspicazes que dominam a sua epocha e que legislam com o tacito assentimento das turbas litterarias que lhe acceptam sem

murmurar a dictadura. Poeta e prosador de igual vigor e originalidade, a sua musa brincava com as dificuldades da tragedia, em quanto o periodo facil e sonoro, na lingoa menos euphonica e menos graciosa de todo o mundo, popularisava sem tédio a mais valente erudição e fulminava do alto do throno litterario, a sentença dos autores e a critica humoristica dos costumes e da sociedade do seu tempo. O *Spectator*, jornal litterario, que então exerceu uma influencia prodigiosa, e que ainda hoje se lê com o interesse de um livro sempre juvenil e sempre verdadeiro, ficou para nos attestar que mais do que poeta tragicó, sadára o talento em Addisson um d'estes secundos escriptores em quem a imaginação, trasbordando, mal se accomoda nas convenções poeticas e nas estreitezas da versificação e da rima.

(Continúa).

J. M. LATINO COELHO.



#### CÃES CONTRA A CAVALLARIA!

Do mesmo codice do seculo XIV, citado em o nosso precedente n.º é tirada a estampa que transladamos; e no mesmo capitulo dos stratagemas de guerra lê-se o seguinte.

Para por em fuga cavallos e cavalleiros, ensinam-se cães vulgarmente chamados olões, e amestram-se a morder os inimigos com furor. Cumpre que estes animaes sejam acobertados de couro por duas rasões, a saber; para que o fogo que levam n'uma vasilha de cobre não os osenda, e para estarem menos expostos aos golpes dos guerreiros quando os cavallos fogem esporeados pela dor. Aquelle vaso de cobre ou bronze forrado de uma substancia resinosa e com uma esponja embebida em espirito de vinho produz um fogo mui violento. Os cavallos, atormentados pelas mordeduras dos cães e pelas queimadellas d'esse fogo, fogem desordenados. Tal é a guerra dos cães contra a cavallaria.

Que lhe preste a invenção!

#### AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.